



# Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1º de janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

Sede: Rua Ramos Ferreira, nº 1009 – Centro – CEP 69010-120 – Manaus/ Amazonas/ Brasil

C.G.C. nº 05.829.775/0001-98 - Telefone: (0xx) 92 – 234-0584

## BOLETIM DE INFORMAÇÃO Fevereiro – 2001

**NOTÍCIA DO ACADÊMICO JOÃO MENDONÇA DE SOUZA** – Em solenidade realizada no Ideal Clube, a Associação de Escritores do Amazonas homenageou o Acadêmico João Mendonça de Souza, concedendo-lhe o diploma de Honra ao Mérito. O escritor foi representado pelo Acadêmico-Presidente, que destacou a importância da obra de Mendonça de Souza no campo da Amazonologia.

**ANIVERSARIANTES DO MÊS** – Aniversariam os Acadêmicos José Braga (15.02), Plínio Coelho (21.02) e Paulo Jacob (24.02).

**CADEIRAS VAZIAS** – A Academia publicou Edital de Inscrição (vide cópia) para preenchimento das cadeiras 14 (Patrono: Barão de Sant Anna Nery) e 16 (Patrono: João Leda) que foram ocupadas pelos saudosos Acadêmicos Moacyr Rosas e João Chrysóstomo. A Secretaria da AAL funciona, para as inscrições, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 16 às 18 horas, e o prazo vai até 15 de março.

**CHÁ DA DIRETORIA** - Na reunião de 09.02, a Diretoria discutiu sobre preenchimento das cadeiras vazias, tendo-se decidido maior celeridade no processo de candidaturas, sem prejuízo das normas estatutárias. Ainda naquela reunião, o Presidente apresentou documento prévio das contas do exercício financeiro de 2000, que deverão ser julgadas pela próxima Assembléia Geral.

**AS FLORADAS DE ALMIR** – Em noite de autógrafos prestigiada, o Acadêmico Almir Diniz lançou o livro de poemas “Floradas da Alma”. Segundo o poeta, “a alma enflora-se quando ama.”

**NOTÍCIA DO ACADÊMICO NEWTON SABBÁ GUIMARÃES** – Sob o título “Encontros com Escritores”, o Acadêmico Newton Sabbá Guimarães publicou artigo denso, com referências elogiosas à vida cultural de Manaus. Foi na *Folha de Irati*, editada no Paraná.

**NÚMERO 23 DA REVISTA** - Expressivo número de discursos acadêmicos, proferidos na última década do século passado, serão publicados no próximo número da *Revista*.

**HOMENAGEM PÓSTUMA** – Em março A AAL promoverá homenagem ao poeta Antísthenes Pinto.

**DONA JÚLIA** - A guardiã da AAL aposentou-se, final do ano passado. Fica aqui o registro, com abraço de consideração e agradecimento de todos da Casa.

Visto

## Cidade das Colinas \*

Raymundo Moraes

“Manaus, a cidade das colinas, escapou de ser a mais pitoresca Veneza do Novo Mundo. Foi a mão irreverente do homem que lhe alterou o perfil. Daquela silhueta lacustre, que ela ostentava aos albores da invasão ibera, resta apenas um ou outro curso cindindo a gleba em curvas de serpente.

Se os primeiros habitantes civilizados da metrópole amazonense, em vez de contrariar o traçado original, têm mantido a topografia encontrada, aditando-lhe apenas as belezas da obra de arte, a **urbs** repontaria hoje, colorida ninfa de pedra, duma teia sensacional de canais magníficos.

Basta abrir-lhe as remotas projeções, que mesmo nesses velhos tempos já não refletiam o contorno primitivo, para que se verifique a verdade destas afirmativas. Construída à margem do rio Negro, no beicho duma esplanada que avança ondulante hinterlândia a dentro até a cordilheira guianense, Manaus foi-se derramando sobre a rechã sarjada de fios d água.

Nos antigos planos topográficos, o que mais se destaca e avulta não são as ruas nem os edificios urbanos, mas os riachos e os furos, cujas cabeceiras se encontram, cujas bocas se anastomosam. Quanto mais se recua no tempo, mais se encontra essa feição aquática. O meando da era anterior à conquista devia ser um labirinto.. Através de plantas e fotografias, de memórias e ilustrações, ainda se consegue vislumbrar tudo isso.

Era o igarapé da Castelhana, o igarapé do Bequemoa, o igarapé do Salgado, o igarapé da Bica, o igarapé de São Vicente, o igarapé do Aterro, o igarapé do Espírito Santo, o igarapé de Manaus, o igarapé do Bittencourt, o igarapé do Manaú, o igarapé da Ponte de Ferro, o igarapé da Cachoeirinha, o igarapé da Cachoeira Grande, rasgando, varando, retalhando, banhando, em coleios de cobra, os alicerces da cidade que surgia.

Os dois últimos, como aquelas boiúnas da lenda, vigiavam noite e dia, a montante e a jusante, a trama hídrica. Pois bem, quase todos esses canais desapareceram. Uns, afogados na vegetação palustre; outros, secionados; ainda outros, aterrados. Ninguém viu a modificação sob o prisma estético e muitos menos sob o prisma científico. A paisagem e a profilaxia não entraram no cálculo dos vândalos imemoriais.”

\* Excerto do capítulo VI do livro “País das Pedras Verdes” (Imprensa Pública do Amazonas, Manaus, 1930). Atualizamos a ortografia.